

A INFLUÊNCIA DO EVANGELISMO URBANO NA TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURAL E RELACIONAL DA SOCIEDADE

THE INFLUENCE OF URBAN EVANGELISM ON STRUCTURAL AND
RELATIONAL TRANSFORMATION OF SOCIETY

LA INFLUENCIA DEL EVANGELISMO URBANO EN LA TRANSFORMACIÓN
ESTRUCTURAL Y RELACIONAL DE LA SOCIEDAD

RESUMO

A proposta do artigo é descrever como o evangelismo urbano exerce influência transformacional em uma sociedade líquida e efêmera. O cerne desse cenário se dá no processo de êxodo rural, que passou a ser mais intenso no século XVIII, com o início da Revolução Industrial, o mesmo período da história em que começaram a se organizar as vilas operárias. A partir disso, o crescimento desordenado das cidades cria um ambiente problemático que molda os padrões da sociedade urbana nos séculos seguintes. Nesse viés, a problemática que conduz a reflexão é: como o evangelismo urbano pode causar uma transformação real em uma sociedade volátil e instável? E ainda, qual a responsabilidade evangelística do cristão diante desse cenário? Dessa forma, é preciso entender como o processo evangelístico ocorre na sociedade e de que maneira ele impacta as estruturas sociais e relacionais presentes. Assim, por meio do método de pesquisa bibliográfica e de uma abordagem qualitativa, conclui-se que o papel do cristão é proclamar o evangelho nas cidades visando tornar Cristo conhecido de tal forma que hajam mudanças de vida e formação de cidadãos sérios e relevantes no bem-estar urbano, para que o modo de vida atual possa retornar à convivência segundo aquilo que mostra a Palavra de Deus.

Palavras-chave: evangelismo urbano; sociedade líquida; transformação social.

¹ Aluna do Bacharelado em Teologia Presencial da FABAPAR. Brasil. E-mail para contato: hannelore-eidamhasse@gmail.com

INTRODUÇÃO

O evangelismo é parte integrante do processo de formação de discípulos, o qual constitui um comissionamento direto de Jesus, deixando claro que o papel do cristão é proclamar as boas-novas de maneira efetiva. Diante disso, para comunicar satisfatoriamente a mensagem do evangelho, é necessário conhecer a realidade vivida pelo público-alvo da evangelização.

A cultura presente na sociedade fundamenta-se em ideais, em geral, distantes dos princípios bíblicos, tornando-se um obstáculo para a pregação do evangelho, que se baseia na renúncia dos próprios desejos e em uma vida submissa a um Deus invisível. Nesse contexto, percebe-se o contraste existente e marcado pela superficialidade que impregna o modo de vida, conduzindo a uma existência supérflua e dificultando o processo de evangelização.

Um evangelho verdadeiramente aceito precisa refletir uma mudança de postura, viver em oposição aos valores propagados pelo mundo. Sendo assim, como o evangelismo urbano pode causar uma transformação real em uma sociedade volátil e instável? E ainda, qual a responsabilidade evangelística do cristão diante desse cenário? Em um contexto de inversão de valores, a verdade plena revelada na Palavra de Deus apresenta-se como o único caminho capaz de conduzir os homens a uma estrutura social mais justa e compassiva.

É, expressamente, necessário tornar claro aos cristãos a responsabilidade que seguir a Jesus implica, no sentido de confrontar os cristãos diante da negligência quanto ao cuidado com aqueles que vivem em áreas urbanizadas, especialmente em situação de vulnerabilidade. Diante disso, é objetivo deste artigo explicar as estruturas sociais, o processo transformacional e o papel da evangelização urbana nessa realidade. Conceitos esses, que serão essenciais para desenvolver a ideia proposta.

Para conduzir essa reflexão, utiliza-se uma abordagem bibliográfica descritiva, de caráter qualitativo. Bibliográfica, por apoiar-se em materiais teóricos que fundamentam a construção dos argumentos; descritiva, por buscar a exposição de ideias e pesquisas; e qualitativa, por visar à análise interpretativa dos argumentos apresentados.

1 FUNDAÇÃO ESTRUTURAL DA VIDA SOCIAL

Para conhecer as estruturas que movem a sociedade no meio urbano, é essencial saber que são fruto de um denso processo de industrialização e massificação dos bens de consumo, cenário perceptível com clareza no surgimento do American way of life, no século XX. O incentivo ao consumo moldou não apenas a economia, mas também o modo como as pessoas passaram a se comportar nos ambientes e nas relações estabelecidas.

A primeira Revolução Industrial, iniciada por volta de 1760, marca o princípio da sociedade empresarial e o cerne do desenvolvimento do que o filósofo Byung-Chul Han descreve como “sociedade do desempenho” (2015, p. 23). A saber, a realidade de pessoas que não sabem lidar com o tédio nem com a submissão. A ideia de autogerenciamento total, em que o valor do indivíduo é definido por meio do nível de poder que obtém a partir de seu desempenho.

No decorrer da história, a sociedade passou a ser cada vez mais superficial em suas relações, fenômeno que Bauman (2001, p. 42) descreve como “sociedade líquida”. Suas características baseiam-se na volatilidade e instabilidade das relações, que são vistas como uma espécie de produto, ou como afirma o autor: “Na falta de segurança de longo prazo, a ‘satisfação instantânea’ parece uma estratégia razoável” (Bauman, 2001, p. 184).

Além da efemeride das relações, outro aspecto importante da modernidade líquida é a individualidade. A competitividade gerada pela sociedade do consumo estabelece uma espécie de corrida, em que todos estão competindo entre si. Então, se comprar significa sair na frente, as pessoas farão isso onde quer que estejam (Bauman, 2001, p. 42), fomentando, assim, o distanciamento social.

Para além da sociedade, o padrão começa a afetar os comportamentos dos cristãos, que refletem não mais um evangelho essencialmente relacional (Phillips, 2008, p.105), mas potencializam o ideal individualista e fugaz que ocorre no mundo. Dessa forma, perde-se o cerne da ordem bíblica de ser luz do mundo e sal da terra:

Vocês são o sal da terra. Mas, se o sal perder o seu sabor, como restaurá-lo? Não servirá para nada, exceto para ser jogado fora e pisado pelos homens. Vocês são a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade construída sobre um monte. E também, ninguém acende uma candeia e a coloca debaixo de uma vasilha. Ao contrário, coloca-a no lugar apropriado, e assim, ilumina a todos que estão na casa (Mt 5.13-16).

Fica claro, portanto, que a cultura imediatista é um obstáculo ao chamado de Cristo para a sua igreja. Ademais, a cultura da produtividade propõe como sucesso fatores quantitativos, e “a tendência humana é optar pela produção em massa, em vez da obra de qualidade. Quantas vezes você já não ouviu o comentário: ‘As coisas não mais são feitas como antigamente?’” (Phillips, 2008, p.33).

As pessoas se afundam na busca por capital de tal forma que a ganância se torna o centro de sua adoração, e acaba por moldar o seu caráter (Smith, 1996, p. 340). Sem ter o coração firmado no propósito correto, a pregação da palavra torna-se ineficaz e desleixada, não havendo, então, o processo de evangelização que guiaria as pessoas perdidas a uma mudança de vida e, por conseguinte, a um impacto social.

O pecado corrompeu o homem e isso reflete em todas as esferas do convívio urbano. “A cidade é cenário de luta espiritual” (Reis, 2012, p. 30), e muitos exemplos bíblicos demonstram isso, como o episódio de Sodoma e Gomorra: “As acusações contra Sodoma e Gomorra são tantas e o seu pecado é tão grave que descerei para ver se o que eles têm feito corresponde ao que tenho ouvido. Se não, eu saberei” (Gn 18.20-21)

Se os ambientes urbanos compõem a maior parte das regiões habitadas atualmente, então é necessário que haja compreensão das nuances que permeiam e moldam esse espaço, para que haja uma evangelização efetiva e satisfatória. Ao se analisar as parábolas de Jesus, todas utilizavam realidades do contexto das pessoas que recebiam a mensagem, de tal forma que cabiam aos cristãos trabalharem da mesma forma que o Mestre.

Assim, “as cidades representam um grande desafio para as missões cristãs, devido ao seu tamanho, sua influência e suas necessidades” (Reis, 2012, p. 22), mas não devem ser um impedimento para o exercício do comissionamento de Jesus de fazer discípulos e superar as estruturas impostas para andar na contramão do mundo.

2. O PROCESSO TRANSFORMACIONAL

Entender o que é a transformação e como ela ocorre em determinado contexto é um ponto de suma importância para o tema proposto. A definição de transformação é a “alteração de um estado em outro ou de uma condição em outra” (Dicionário Online Michaelis), ou seja, trata-se de uma mudança, que pode ser positiva ou negativa.

Existe uma relação intrínseca entre a maneira de se portar e de se comportar com a influência exercida em um ambiente, de tal forma que o

apóstolo Paulo alerta para a importância de vigiar quanto a isso. A carta aos Efésios foi escrita com o propósito de transformar os relacionamentos entre os crentes e incentivar uma mudança de postura. Diante disso, Paulo escreve:

Por isso, vistam toda a armadura de Deus, para que possam resistir no dia mau e permanecer inabaláveis, depois de terem feito tudo. Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade, vestindo a couraça da justiça e tendo os pés calçados com a prontidão do evangelho da paz. Além disso, usem o escudo da fé, com o qual vocês poderão apagar todas as setas inflamadas do Maligno. Usem o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus. ((Efésios 6.13-17)

Apresentar um evangelho que impõe a alteração de traços da cultura de um povo, quando esses traços geram o afastamento dos princípios bíblicos, não é algo simples, mas é necessário. Pessoas precisam conhecer o evangelho independentemente da cultura, tendo a oportunidade de vivê-lo integralmente, uma vez que essa mensagem não é um produto moldado aos estereótipos ocidentais sobre como exercer a fé (Shimura, 2022, p. 91).

Assim, o processo transformacional conta com a contextualização da mensagem “como o compartilhamento da fé cristã em que a mensagem supracultural não remove a identidade étnica cultural de um povo” (Shimura, 2022, p. 91). Essa mesma lente aplica-se ao analisar a população que vive no meio urbano, pois, apesar dos padrões sociais que organizam a vida nas cidades, a transformação proposta pelo evangelho não visa extrair a essência cultural de uma sociedade, mas moldá-la a partir de princípios eternos.

Portanto, é responsabilidade do cristão estar preparado para liderar essa mudança e filtrar tanto o processo quanto os pilares que precisam ser moldados, a fim de aproximar as pessoas do Deus que está sendo apresentado. Afinal, como o próprio Paulo escreveu:

“Portanto, somos embaixadores de Cristo, e Deus faz seu apelo por meio de nós. Por amor a Cristo, suplicamos: reconciliem-se com Deus. Pois foi por nossa causa que Deus tratou como pecador aquele que não tinha pecado, para que nele nos tornássemos justiça de Deus” (2Co 5.20-21).

Como embaixadores, cabe aos cristãos portar-se como tal, agindo diante de questões conflitantes relacionadas às transformações e participando ativamente do estabelecimento do Reino de Deus na terra, de forma visível em atitudes e modos de viver, especialmente nos meios urbanos. Segundo dados da ONU, a população urbana já representa cerca de 55% da população mundial, e a previsão é que chegue a 68% até 2050 (2022, não paginado). A mudança, então, é mais que urgente, para que o rumo da vivência urbana venha a refletir padrões bíblicos.

Dessa forma, estabelecer uma mudança nos rumos da sociedade urbana, visando à alteração de esquemas comportamentais para um modo de vida mais coerente com as boas-novas pregadas, é o que caracteriza o processo transformacional. Ao conceito, cabe ressaltar que não se trata da exclusão da identidade de um grupo, mas da adaptação de seu modo de vida aos padrões bíblicos. Tal processo exige maturidade espiritual, sabedoria e discernimento para que a mensagem alcance corações sem perder sua essência. Nesse movimento, o evangelho se revela não como imposição, mas como caminho de vida que inspira verdadeira renovação.

3. PROPÓSITO DA EVANGELIZAÇÃO URBANA

A palavra “evangelização” vem do grego εὐαγγελίζω e significa “trazer ou anunciar boas novas” (Becker, 2000, p. 757). No contexto cristão, as boas novas são referentes à obra redentora de Cristo, sua morte na cruz e sua ressurreição, que traz reconciliação com Deus, perdão e salvação eterna

(Jo 3.16). Diante disso, a base da pregação deve ser conhecer Jesus e seu ministério.

Outro termo que se faz necessário definir é “urbano”, que, por sua vez, significa “aquilo que é próprio da cidade” ou “que é dotado de urbanidade” (Dicionário Online Michaelis, não paginado). A partir disso, o contexto urbano é tudo aquilo que envolve as cidades e seus âmbitos, de maneira que vem a ser um ambiente não rural centrado na indústria e no comércio.

Essa é a base da atmosfera que circula nas cidades; por isso, o evangelismo urbano nada mais é que falar da crucificação reconciliadora de Jesus para pessoas que vivem em um contexto de cidade. Essa realidade é facilmente encontrada em países desenvolvidos e subdesenvolvidos, uma vez que é nesses lugares que há o maior desenvolvimento tecnológico e busca por uma industrialização crescente.

A pregação do evangelho nas cidades é uma tarefa desafiadora, principalmente pela grande variedade de públicos. Esse tipo de pregação precisa ser pensado para alcançar a todos os ouvintes, de todas as camadas sociais, levando-os a conhecer Jesus. Para tanto, é necessário entender o perfil das pessoas nas cidades: “a) São pessoas aflitas: com sentimento de angústia; b) São pessoas exaustas: cansadas; c) São pessoas desorientadas: sem rumo nem direção” (Reis, 2012, p. 50).

Conhecendo as estruturas sociais e os padrões que permeiam o convívio urbano, torna-se mais fácil superar os obstáculos que impedem a mensagem de ser pregada e aceita. Por isso, é importante ressaltar que as igrejas têm o papel de preparar os cristãos para a proclamação, mas têm falhado. Dessa forma, sem haver plasticidade nos meios eclesiásticos, a mensagem não será pregada de forma a atender às necessidades do homem urbano (Reis, 2012, p. 49).

Um verdadeiro evangelista é aquele que morreu para si mesmo e vive um evangelho relacional, buscando aprender sobre seu público-alvo e ser intencional ao evangelizar, para fazê-lo com excelência.

Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome diariamente a sua cruz e siga-me. Pois quem quiser salvar a sua vida a perderá, mas quem perder a própria vida por minha causa a salvará. Pois de que adianta ao homem ganhar o mundo inteiro e perder-se ou destruir-se a si mesmo? (Lc 9.23-25).

Assim, o processo do evangelismo requer duas preliminares: o morrer para si mesmo e a necessidade de reproduzir (Phillips, 2008, p.86). É fato que o processo de aceitar Jesus, como senhor e salvador da vida, não para por aí, precisa de um desenvolvimento discipulador para que haja a mudança de vida. Mas não há como despertar o desejo de ser mais parecido com Jesus sem o exercício do evangelismo urbano, para dar às pessoas a oportunidade de retornarem ao primeiro amor.

O evangelismo, então, precisa ser uma cultura presente nas igrejas e enraizado em cada cristão, para que possam exercer de fato uma mudança no cenário social urbano. Essa prática não deve ser vista como um evento isolado, mas como parte essencial da identidade cristã. Por meio do testemunho constante e do compromisso com o próximo, a igreja torna-se agente ativa de transformação. Dessa forma, a presença cristã nas cidades deixa de ser apenas institucional e passa a ser relacional, relevante e impactante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando à questão norteadora que deu início à reflexão sobre a influência do evangelismo urbano nas estruturas sociais, percebe-se que ainda há muito a melhorar. É importante que a cultura da divulgação das boas-novas retorne aos padrões bíblicos, como era exercida pelos apóstolos. Com tantos meios disponíveis para espalhar a palavra de Deus, é interessante usá-los no cotidiano para espalhar o evangelho e aumentar seu alcance.

Por isso, é necessário desenvolver um caráter evangelístico já nos primeiros passos da caminhada de um novo convertido, guiando-o ao processo de discipulado e estabelecendo a comunicação e o ensino da evangelização durante todo o seu desenvolvimento e amadurecimento. Além do falar, o exemplo é o maior aliado para que se retorne à cultura do evangelismo.

A evangelização é a porta de entrada para o discipulado, motivo pelo qual é de suma importância para a ampliação da igreja. Uma vez que as pessoas conhecem a Jesus e escolhem caminhar com ele, uma mudança de caráter acontece e reflete para além do espiritual. Como ser integral e inserido na sociedade, o cristão precisa refletir a Cristo em todas as esferas sociais e ser relevante onde Deus o colocar.

Se a sociedade necessita de mudanças em suas estruturas e tem disseminado valores contrários aos valores do Reino, é papel do cristão resgatar as almas perdidas por meio da evangelização. Assim, a igreja estará preparada para mostrar cada vez mais que os padrões do mundo afastam da real identidade e do propósito de Deus, uma vez que o meio urbano é cheio de estímulos e distrações.

A presente pesquisa é de grande relevância, pois visa conscientizar os leitores sobre a importância de trazer essa temática à tona, especialmente no meio eclesiástico. Além disso, serve como uma ferramenta para

futuros estudos sobre os comportamentos sociais e culturais presentes, bem como seu impacto na igreja enquanto corpo de Cristo.

É urgente conscientizar os participantes do corpo de Cristo acerca das estruturas que movem a sociedade, para que haja preparo para pregar a palavra de forma eficiente, alcançando os perdidos e trazendo uma mudança de postura para a sociedade. Se, por um lado, o mundo tem vivido a superficialidade e a volatilidade das relações, Deus quer restaurar a profundidade dos laços.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BÍBLIA, português. **Nova Versão Internacional (NVI)**. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2023.

BECKER, U. Evangelização. In. BROWN, Colin; COENEN, Lothar (Org.) **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2.ed. São Paulo, 2000.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **ONU-HABITAT**: população mundial será 68% urbana até 2050. Brasília: ONU, 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/188520-onu-habitat-popula%C3%A7%C3%A3o-mundial-ser%C3%A1-68-urbana-at%C3%A9-2050>. Acesso em: 29 jun 2025

PHILLIPS, Keith. **A Formação de um Discípulo**. São Paulo: Editora Vida, 2008.

REIS, Gildásio. **Missiologia, uma perspectiva urbana.** [s. l.]: Monergismo, 2012. Disponível em https://www.monergismo.com/textos/missoes/missoes-perspectiva-urbana_gildasio.pdf. Acesso em: 30 jun. 2025.

SHIMURA, Igor. **Igreja, Sociedade & Missão - Considerações Missiológicas a Partir do Olhar Transcultural.** Curitiba: Edição do Autor, 2022

SMITH, Adam. **Os Economistas - A Riqueza das Nações.** São Paulo, SP: Editora Nova Cultura, 1996.

TRANSFORMAÇÃO. In: **Dicionário on-line Michaelis.** [s. l.]: Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/palavra/YkPy5/urbano/#:~:text=Que%20ou%20aquele%20que%20vive,mais%20urbanas%20que%20eu%20conhe%C3%A7o>. Acesso em 30 jun. 2025

URBANO. In: **Dicionário on-line Michaelis.** [s. l.]: Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/palavra/YkPy5/urbano/#:~:text=Que%20ou%20aquele%20que%20vive,mais%20urbanas%20que%20eu%20conhe%C3%A7o>. Acesso em 30 jun. 2025